

ENTRE A DOBRA E A DESDOBRA: REFLEXÕES ACERCA DO CORPO E SEUS LIMIARES

Angélica Neuscharank

angelicaneuscharank@yahoo.com.br

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4414127H7>

Andréia Machado Oliveira

andreaoliveira.br@gmail.com

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4127580P1>

RESUMO

O presente artigo tem como propósito pensar nas relações limiares que permeiam o que consideramos interno e externo ao corpo. Tais relações são abordadas a partir do conceito de dobra de Gilles Deleuze que aponta a interdependência dos aspectos físicos, sociais e subjetivos como processos potencializadores. Nesse sentido, nosso objeto de estudo central, o corpo, é permeado por diferentes campos teóricos que ampliam as fronteiras físicas, biológicas, sociais e culturais. Buscamos entender o corpo como uma estrutura que não está separada do sujeito que a compõem, de suas experiências sensíveis e sensoriais, do cobrir e do despir, da pele que o recobre. Desta forma, o presente artigo pensa o corpo para além de seus contornos materiais, em sua dimensão desmaterializada e seus limiares, tanto no campo da Arte como estabelecendo intersecções interdisciplinares.

Palavras-chave: corpo, limiar, dobra, arte.

ABSTRACT

This article aims to think about the relationships that permeate the thresholds we consider internal and external to the body. Such relationships are approached through the concept of fold from Gilles Deleuze. He points out that the interdependence of physical, social and subjective processes as potentiators. Accordingly, our central object of study, the body is permeated by different theoretical fields that expand the boundaries physical, biological, social and cultural rights. We try to understand the body as a structure that is not separate from the person composing it, their experiences and sensory sensitive, and the cover of the strip, the skin that covers it. Thus, this article thinks the body beyond its contours materials in dematerialized their size and their thresholds, both in the field of art as establishing interdisciplinary intersections.

Keywords: body, threshold, folding, art.

Desdobrou-se o corpo físico a um corpo mutável, flexível, borrado, transformado e indefinido na contemporaneidade. Tal concepção encontra-se presente em pesquisas de diversas áreas do conhecimento que almejam rever os limiares do corpo, seja pelo o que consideramos interno e externo ao corpo, pelo sensível e sensorial ou pelos discursos visuais à ele materializados. “Longe de ser obliterado, o corpo veio se tornando crescentemente presente, não mais como uma totalidade homogênea, mas um mosaico

flexível e permeável, cujas formas e estruturas se tornaram voláteis (VILLAÇA, 2007, p.11).

Inicialmente, objetivamos pensar um corpo híbrido a partir de reflexões sobre seus limiões de constituição interno e externo, com o conceito deleuziano de dobra. Posteriormente, o estudo proposto diz respeito a um corpo que não separa o sujeito que o compõe e a pele que o recobre, uma pele hipersensível ao meio exterior que estabelece outras conexões entre o dentro e o fora, que se expande e contrai simultaneamente, composto por inúmeras imagens e informações.

Corpos (des)dobrados

Inicialmente, propomo-nos pensar sobre os limiões do corpo em suas dimensões internas e externas. Entendido e abordado de forma flexível, múltiplo, estendido e não delimitado, não apresenta contornos rígidos entre seu interior subjetivo e seu exterior coletivo. Tais relações de continuidade entre o corpo e seu meio coletivo, remete-nos ao conceito de dobra de Gilles Deleuze (1991). “A dobra exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção deste território, ou seja, ela exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora” (SILVA, 2004, p.1). O conceito de dobra propõe reflexões acerca das nossas percepções sobre ir e vir, do dentro e do fora; questões binárias e tensionadas que escapam às posições polarizadas, extremadas. Nesses entrecruzamentos de questões internas e externas do corpo, diluem-se fronteiras e criam-se dobras nas ações do cotidiano.

Nesse sentido, Gilles Deleuze(1991) pensa as dobras como possibilidades de mutação, isto é, como potencialização de transformações que escapam às ordens disciplinadoras, nesse caso de um corpo dócil. Ainda, a dobra abre-se às desdobras, e, simultaneamente, ao inverso, não existindo lados opostos, mas lados complementares como em uma fita de *Moebius*. Cada adentrar já está modificado e carregado por novas desdobras.

Ainda Deleuze, ao relacionar a arquitetura barroca ao conceito de dobra, nos propõe abrir espaço também aos aspectos corporais subjetivos e coletivos enquanto estruturas indefinidas, como: curvas, entranhas, becos, paredes, portas, janelas,

clausuras, aberturas que agem como um emaranhado de conexões e interagem ocasionando infinitas possibilidades que se atualizam a todo o momento no passo de seus transeuntes. “Mas ele (barroco) curva e recurva as dobras e as leva até o infinito, dobra sobre dobra, dobra segunda dobra. O traço do barroco é a dobra que vai até o infinito.” (DELEUZE, 1991, p.13).

Entendemos que os fatores ligados à construção do sujeito – processos de subjetivação, relações afetivas, produção de conhecimento – estão interligados e mediados pelas relações externas do ser humano, suas construções sociais, seus discursos materializados em escolhas e adereços do corpo. O corpo não se configura isolado pelo seu contorno, pois seu contorno faz parte de composições espaciais e temporais dinâmicas, encontra-se em relação com todo seu em torno, simultaneamente afeta e é afetado.

As reinvenções do corpo em outros espaços, que vão assumindo e que condizem além do limite físico do mesmo, podem propor relações da arte com esses diferentes corpos que vão se constituindo. Gil (1997) fala sobre o “significado da consciência do corpo” como a impregnação pelos movimentos que realiza. Nesse sentido, a consciência do corpo não se refere a dois elementos ou substâncias opostas, mas tecituras que atravessam os dois, um corpo em que o interior e o exterior se sobrepõem.

José Gil contribuiu nas reflexões sobre o corpo com algumas ideias, como: sair do corpo blindado, abrir o corpo, entender a relação consciência e corpo. Ele diferencia a consciência do corpo e a consciência pelo corpo, sendo a segunda um fluxo de força do mundo. Gil procura ir além do conceito cartesiano do corpo ligado ao material e da consciência ao imaterial. A consciência do corpo se constitui pela fusão do movimento do pensamento mais o movimento do corpo, sendo que o corpo se apresenta como um corpo de consciência - que contém o inconsciente, o desconhecido. A sabedoria do corpo pode atingir a hiper excitação, o sentir o insensível.

Corpos socioculturais

Em um contexto um tanto amplo, entender o corpo como uma elaboração que cada pessoa faz de si de uma maneira dinâmica, é também compreender que ele resulta da história de suas vivências, sendo um espaço de conquistas, tensões, frustrações,

desejos, ambiguidades, dicotomias. Cada corpo, enquanto único, tem uma história singular e, simultaneamente, conta uma narrativa social, coletiva, cultural, histórica. Portanto, além de construirmos individualmente nossas trajetórias, participamos produzindo conhecimento, fazeres, símbolos, modos de vida, visões de mundo, formas de expressões coletivas (MARTINS, 2010).

Essas questões condizem a proposições contemporâneas sobre o corpo social, já que a separação não se faz mais presente. O corpo se torna carne e imagem ao mesmo tempo, e o sujeito que se instala, se escreve e intervém. Nessa perspectiva, Villaça coloca que:

Cada vez menos considerado como uma propriedade imutável, no decorrer do último século, subvertem-se os limites delineados pelas construções culturais, e o corpo foi se transformando em um território sem fronteiras, continuamente renovável e infinitamente interpretável. (VILLAÇA, 2007, p.11).

Ainda, Castilho aponta,

O corpo é um dos canais de materialização do pensamento, do perceber e sentir o espaço circundante, o si mesmo e também o “outro”, real ou imaginário. Ele é o responsável por conectar o ser com o mundo habitado, e, conseqüentemente, ele proporciona, de antemão, determinados tipos de relação com o “outro” (CASTILHO, 2005, p. 87).

A leitura do corpo é algo que pode desdobrar o reconhecimento de épocas, espaços, tecnologias, grupos, perfis em redes, etc. Isso porque, o corpo nos comunica algo, como textos discursivos que se “discursivizam”, uma vez que se constroem como sujeitos. E nesse sentido de significações, o corpo que contempla a questão do espaço e do tempo, assim como o “outro”, acaba por construir edificações identitárias entre os sujeitos. A presença do “outro” seja virtual ou de memória, contribui na nossa construção como sujeito.

Corpos plissados

Greiner coloca que (2005, p.16) “o modo como um corpo é descrito e analisado não está separado do que ele apresenta como possibilidade de ser quando está em ação no mundo”. Pensar o corpo e os adornos atribuídos à ele é pensar em mundos possíveis

e imagináveis interligados culturalmente, a imagem e a percepção do ser que se entrecruzam, a subjetividade e a objetividade que dialogam em identidades singulares. Segundo Campelo (1997) o indivíduo exterioriza a sua identidade cultural a partir do corpo, inscreve, visibiliza, emana aos demais sujeitos, e aos contextos que se insere.

Anatomicamente, somos desprovidos de adornos e não apresentamos morfologicamente qualquer característica natural de embelezamento. O diferencial está na possibilidade de reconstrução ou de ressemantização do corpo artificial, da segunda pele (VILLAÇA, 2007).

A pele é um órgão nato do corpo humano, revestimento natural que abriga desde o início dos tempos algumas marcas, em que o ser humano inscreve e constrói sentidos para o seu ser e estar no mundo, discursos de determinados contextos culturais.

Entendemos o corpo humano como uma estrutura de linguagem que o ser humano arranja, decorando-o e ornamentando-o por meio de relações combinatórias, cujo encadeamento forma um texto, que, por sua vez, suporta um discurso pelo qual se manifestam interações sociais, dadas as comunicações estabelecidas. Como estrutura física, sensível, o corpo apresenta-se coberto por uma pele que o “veste”, selando-o por sua limitação dérmica, (CASTILHO, 2005, p. 104).

Pensar os invólucros do corpo é alçar a relação que assume de determinadas características do contexto inserido, baseado no que cada sociedade estabelece, pois as características corporais são coletivas, uma espécie de diálogo desse corpo que não se constitui e não se estabelece enquanto cultura de maneira isolada. A própria ação do vestir o corpo está arraigada ao humano de tal forma, que pouco se reflete a que ponto esse vestir é só uma ação, isso porque acabamos de certa forma nos “cobrindo” de acordo com os discursos do contexto de determinado momento; dos propósitos da sociedade naquele instante.

São estabelecidas conversações entre a subjetividade e o sujeito que veste, ele assume essa segunda pele, que molda, interfere, dialoga com o corpo, sabendo que ela é muito mais mutável, maleável e que se adapta aos diversos contextos.

As linhas que compõem a estrutura plástica do corpo podem ser renegadas pela construção do traje que, parcial ou completamente, objetivando instaurar um discurso que amplie e diferencie a anatomia

humana, propõe uma alteração ou ostentação da forma do corpo como categoria do revelar/não revelar a estrutura corpórea subjacente à plástica da moda (CASTILHO, 2004, p.122).

Nesse caso, Castilho propõe essa discussão da roupa que reinventa o corpo, podendo ele sobressair ou não, essa possibilidade de reconstrução sem ter necessidade de modificá-lo, mas também de reinventá-lo pela veste, criando e recriando formatos. Colocações que dialogam e se contrapõe as possibilidades de modificações na primeira pele do corpo.

Visto o corpo enquanto suporte, Castilho (2005) nos propõe a pensar em questões sensoriais e perceptíveis referentes às escolhas de adornos: (...) entendendo o corpo como suporte material, sensível que se articula com diferentes códigos da linguagem, como a gestualidade, com a sensorialidade e com a própria decoração corpórea (CASTILHO, 2005, p. 31).

Dessa forma, o corpo constrói discursos, manifestações textuais que se deixam aprender e significar pelos sentidos produzidos nesse percurso. Portanto, quando um elemento a ele é sobreposto, entrarão em conjunção com os demais códigos de linguagem que lhe são pertinentes, potencializando-o ao revestir sua aparência. Dessa forma, o sujeito tem a liberdade de recriar a segunda pele, movido pela imaginação e significação, e tornado real pela própria materialização técnica.

Essa abordagem que defende a segunda pele do corpo como sendo o seu revestir e as possíveis recriações e definições do sujeito, são fortemente defendidas por Oliveira (1995). A autora apresenta a ideia das roupas como uma arquitetura têxtil, onde percebe que cada linha apresenta significações, entre ao sentido de cobrir o corpo humano para proteger, e de outro modo para embelezá-lo, ornamentá-lo, determinando o seu papel na cena em grupos. Portanto, as roupas estariam vinculadas aos valores de uma sociedade, elas veiculariam uma concepção ética e também estética.

Por meio do corpo, o sujeito pode utilizá-lo como suporte e meio de expressão e assim revelar uma necessidade latente de querer significar, de reconstruir-se por meio de artifícios inéditos, carregados de significações novas e desencadeadoras de estados de conjunção ou disjunção com os valores pertinentes à sua cultura.

A condição humana é corpórea: suas fronteiras são traçadas pela carne, limite físico que a compõe, cujos traços a distinguem dos “outros” indivíduos. É em suma, o corpo que nos presentifica e nos torna presentes no mundo. Padrões de comportamento, traços de uma cultura, diálogos sociohistóricos são aspectos que podem ser reconhecidos nos “corpos”, cuja realidade se funda no caráter comunicacional dos seres humanos, (CASTILHO, 2005, p. 87).

Finalizando, os caminhos traçados neste artigo, propõe algumas reflexões quanto aos limiares do corpo no espaço contemporâneo, seja quanto ao corpo que se apresenta indissociável do sujeito, e o mesmo indissociável do meio e do que o recobre. O estudo do corpo não se restringe aos aspectos físicos, pois esse corpo ao qual visualizamos apresenta circunstâncias sociais, culturais que o constituem enquanto sujeito. Concepções exploradas que nos questionam a pensar e a olhar ao nosso próprio corpo enquanto elemento líquido, fluído, mutável e indeterminado. Pensar sobre a necessidade de transitar pelos infinitos mundos na finitude do corpo, de ampliar o corpo em múltiplos lugares e de perceber a possibilidade de sair do corpo blindado e estar nos limiares das dobras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, Kathia. Moda e linguagem. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. Discursos da Moda, semiótica, design e corpo. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- CAMPELO, Cleide Riva. Cal(e)idoscorpos. São Paulo: AnnaBlume, 1997.
- COUTO, Edvaldo Souza. Corpo, arte e educação na era tecnológica. In: SANTANA, K. N. Monteiro (org.) Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro, Revan, 2000.
- DELEUZE, Gilles. A dobra: Leibniz e o barroco. São Paulo: Papirus, 1991.
- GREINER, Christine. O Corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo. AnnaBlume, 2005.
- GIL, José. Metamorfoses do corpo. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997.
- MARTINS, Raimundo. Pensando com imagens para compreender criticamente a experiência visual. In: RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira (Org.); outros. Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual: conceituações, problematizações e experiências. Goiânia, 2010, pp.19-38.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves. In: CERIANI, Giulia; GRANDI, Roberto(Org.). Moda regula e rappresentazioni. Milano: Franco Angeli, 1995.

SILVA, Rosane Neves. A Dobra Deleuziana: Políticas de Subjetivação. Rio de Janeiro: UFF, 2004.

VILLAÇA, Nízia. A edição do corpo: tecnociência, artes e moda. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2007.

SOBRE AS AUTORAS

Angélica Neuscharank possui graduação em Artes Visuais- Licenciatura Plena em Desenho e Plástica(2008/2011), UFSM/RS. Atualmente cursa Pós-Graduação em Especialização a Distância de Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas a Educação, UAB/UFSM. É membro do Grupo de Pesquisa InterArTec- Pesquisa e Criação em Interatividade, Arte e Tecnologia, vinculado à UFSM, diretório CNPq. Atua como Professora de Arte no Instituto Metodista Centenário em Santa Maria, e na Rede Estadual no Ensino Básico e Curso Normal de São Sepé(RS). Desde 2009 vem desenvolvendo pesquisas nas áreas de Artes Visuais com ênfase no Design de Superfície e Estamparia, Serigrafia, Educação das Artes Visuais, Corpo, Cultura e Tecnologia.

Andréia Machado Oliveira possui Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS - Brasil e pela Université de Montreal/UdM - Canadá, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS e Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS. Atualmente é coordenadora do gpc InterArtec/Cnpq e do LabInter (Laboratório Interdisciplinar Interativo) - UFSM. Professora Adjunta I do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais no Centro de Artes e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede no Centro de Educação; professora pesquisadora I da Universidade Aberta do Brasil e Coordenadora do curso de Especialização de TIC aplicadas à Educação da Universidade Federal de Santa Maria/NTE/UAB/UFSM-Brasil.